

Simonsen critica Alfonsín

Rio — Ao prever que “a epopéia da dívida externa argentina promete dar panos para manga”, o ex-ministro do Planejamento, Mário Henrique Simonsen, garantiu que “falta o mínimo de coerência indispensável para um final feliz” à política econômica do presidente Raul Alfonsín.

No entanto, Simonsen admite que a “estratégia ambígua de renegociação da dívida pode provocar o susto de que o governo Reagan está precisando “e imagina que a estratégia do governo argentino, de ignorar o FMI, poderá representar, para o Brasil e o México, por exemplo, resultados bastante úteis.

No artigo “Conexão portenha”, publicado na edição deste mês da revista do Sindicato da Indústria da Construção Civil no município do Rio de Janeiro, Mário Henrique Simonsen faz uma extensa análise sobre a dívida externa da Argentina e adverte que o governo Reagan parece ter percebido que, num mundo de taxas de juros e de câmbio flutuantes, não se pode tratar o problema das

dívidas externas como “uma simples questão entre os credores privados e as nações endividadas”. Depois de lembrar que por trás da atitude argentina parece haver três motivações (uma política, uma econômica e uma sociológica), o ex-ministro destaca que, no campo econômico, a Argentina talvez seja o país mais preparado para uma confrontação com os credores internacionais. Isso porque a Argentina não depende de importações e, em consequência do boicote dos norte-americanos aos soviéticos, acabou tornando-se um forte parceiro comercial dos países da cortina de ferro, além de depender pouco de créditos comerciais para transacionar com o exterior. E mais: pelo menos potencialmente, a maior parte das importações de que a Argentina necessita pode ser obtida na América Latina, particularmente no Brasil e no México. Sob esse aspecto, garante Simonsen, a ameaça da Argentina isolar-se do comércio com os países credores “é bem menos aterradora do que para qualquer outra nação latino-americana”.